

A SÍNTESE COSMOGRÁFICA DE DANTE ALIGHIERI: O COSMOS ARISTOTÉLICO-PTOLOMAICO E A GEOGRAFIA DO ALÉM NA OBRA *A DIVINA COMÉDIA*

Diego Maguelniski ¹

RESUMO

Considerando o período da Baixa Idade Média (X-XV), nossa abordagem se deu sobre um pensador realmente singular: Dante Alighieri (1265-1321). Através da análise do texto da obra *A Divina Comédia*, de Dante, procuramos desvendar a estrutura cosmográfica do universo explorado pelas personagens, através de referências implícitas e/ou explícitas na obra. Nisso consideramos dois procedimentos: leitura e análise do texto da obra; revisão bibliográfica sobre o assunto. Na citada obra de Dante, segundo a literatura que consultamos, e conforme encontrado por nossa análise, duas grandes influências “desenham” a sua composição cosmográfica: uma, pela via do pensamento e da tradição cristãs medievais, se inscreve no que chamamos de Geografia do Além: o termo, cunhado por Le Goff (2017), se refere as estruturas, regiões e lugares que comportariam as almas após a morte. Por outra via, as diversas estruturas do além cantadas por Dante (*Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* ou *Céu*) se acomodam a uma cosmologia antiga revivida pela escolástica, que tinha por base Aristóteles (III a.C.) e Cláudio Ptolomeu (I-II d.C.). Em nosso entendimento, Dante teria realizado, assim, uma síntese cosmográfica, unindo o além cristão - além de outras ideias e simbologias geográficas da Idade Média - para com a chamada cosmologia aristotélico-ptolomaica.

Palavras-chave: *A Divina Comédia*, Idade Média, cosmologia, cosmografia, pensamento geográfico.

ABSTRACT

Considering the period of the Low Middle Ages (X-XV), our approach was based on a truly unique thinker: Dante Alighieri (1265-1321). Through the analysis of the text of the work *The Divine Comedy*, by Dante, we seek to unveil the structure cosmographic view of the universe explored by the characters, through implicit references and/or explicit in the work. In this we consider two procedures: reading and analysis of the text of the work; bibliographic review on the subject. In the aforementioned work of Dante, according to the literature we consulted, and as found by our analysis, two major influences “design” its cosmographic composition: one, through medieval Christian thought and tradition, is inscribed in what we call the Geography of Beyond: the term, coined by Le Goff (2017), refers to the structures, regions and places that would hold souls after death. In another way, the various structures of the beyond sung by Dante (*Hell*, *Purgatory* and *Paradise* or *Heaven*) accommodate an ancient cosmology revived by scholasticism, which was based on Aristotle (III BC) and Claudius Ptolemy (I-II AC). In our understanding, Dante would thus have carried out a cosmographic synthesis, uniting the Christian beyond - in addition to other ideas and geographical symbolism of the Middle Ages - with the so-called Aristotelian-Ptolemaic cosmology.

Keywords: *The Divine Comedy*, Middle Ages, cosmology, cosmography, geographical thought.

¹ Pós-graduando do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE; diego.maguelniski@unioeste.br

Quando se evoca a Idade Média (V – XV) certamente distintos pensamentos surgem à memória do público em geral. Talvez alguns pensem em um período de atraso civilizacional, de crenças exacerbadas, de violência e ignorância. Entretanto, existe também a admiração pelas fortificações e castelos medievais. A literatura e os jogos digitais exploram avidamente temas inspirados na Idade Média, contando com certa aura de mistério e aventura. Constata-se, aí, uma ambiguidade inicial acerca das impressões gerais sobre o assunto (Eco, 2013).

Por outro lado, evidencia-se, tendo por base as contribuições de pesquisadores como Le Goff (2002; 2014; 2017), Kimble (2005), Baschet (2006) e Eco (2013), que a Idade Média (no Ocidente) se caracterizou como um período de características próprias, com complexidade, nuances e, inclusive, progressos nos campos da tecnologia e do saber. Le Goff (2014), por sua vez, defende uma Idade Média mais extensa temporalmente, que só encontra seu ocaso ao surgimento da Revolução Industrial, no século XVIII.

Para a História e Epistemologia da Geografia importa saber, considerando certos recortes temporais e espaciais, como se apresenta o conhecimento geográfico, sua sistematização, os métodos de obtenção do saber, as teorias, as genealogias intelectuais, o saber popular, enfim, o conteúdo e a estrutura do pensamento geográfico do passado e do presente. Dado essa breve definição, a Idade Média Ocidental, assim como outros períodos/lugares, também se constitui como campo de estudo da Geografia.

E por que queremos entender a Idade Média Ocidental perante um olhar da Geografia? Porque basicamente as estruturas da civilização ocidental, em grande parte, têm sua formação no período medieval. São essas estruturas que hoje compõem muitos dos atores que organizam o espaço geográfico e ditam sua dinâmica. A Igreja (ou as igrejas), o Estado moderno, o império do capital e os bancos, a propriedade privada, as classes do mundo moderno etc. Como nos lembra Le Goff (2014), é durante a Idade Média que muitas dessas estruturas são criadas.

Vencido, acreditamos, os trechos necessários à justificativa que ampara o estudo do pensamento geográfico medieval, chega a hora de detalhar tema e objetivo de nosso trabalho. Nossa abordagem se dará sobre um pensador, sem exageros, realmente inigualável na história do Ocidente: se trata de Dante Alighieri (1265-1321). Circunscrevendo este trabalho no estudo dos imaginários geográficos, entendemos que Dante resguardou especial importância para o pensamento geográfico medieval e renascentista em sua obra *A Divina Comédia*.

Entre outras razões para se atribuir tal importância à obra de Dante, algumas se revelam na ousada narrativa descritiva dos três livros que a compõe: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*.

Nessa narrativa um perdido Dante (enquanto personagem) é guiado entre os domínios de um universo esférico e finito, estratificado em esferas concêntricas (conforme ditava a herança cosmológica aristotélica-ptolomaica). Nesse Universo Dante se depara com estratos espaciais de uma estrutura geográfica do além vida (destino das almas dos mortos) segundo a fé e as tradições cristãs medievais. Esses lugares do além estavam intimamente presentes no imaginário medieval, tendo raízes profundas e antigas em outras tradições e culturas, evoluindo conforme foram incorporadas ao cristianismo.

Mas a obra *A Divina Comédia* não foi escrita tendo a tradição cristã por limitação ou única inspiração. Antes, ocorre que a história da salvação - que remete aos tempos bíblicos, o tempo de Cristo na Terra, e o tempo da missão da Igreja na Terra, até o Julgamento Final – e seus coprotagonistas (santos e santas), é plasmado para com a história ordinária dos homens e mulheres, representados por membros ilustres da cultura helenística e romana (poetas, monarcas, filósofos, escritores etc.) e figuras políticas da época de Dante. Não fosse o bastante, ainda abundam no texto dantesco criaturas, heróis e personagens trágicos da tradição helenística.

Porém, o que que mais nos incentiva à análise dos três livros de *A Divina Comédia* são as suas soluções cosmográficas que unem variadas crenças geográficas cristãs – tanto do ponto vista corográfico quanto das de domínio além vida - para com o modelo cósmico adotado pela astronomia e pela astrologia da segunda metade da Idade Média. Tal proeza conseguiu adaptar, por exemplo, referências bíblicas (que talvez fossem melhor revividas considerando-se a possibilidade de um mundo plano) para com o modelo de uma Terra redonda, que correspondia a doutrina física de Aristóteles e a astronomia de Ptolomeu (Maguelniski, 2021).

Nosso intento então se volta para esses últimos aspectos mencionados da obra de Dante em *A Divina Comédia* se servindo aqui do que Le Goff (2017) chamou de geografia do além medieval: uma estrutura de lugares que a fé e a tradição cristã ditavam (e ainda ditam) como sendo reais, que se destinam a acolher as almas dos mortos. O nosso objetivo é demonstrar como Dante teria realizado uma espécie de síntese cosmográfica ao referenciar os lugares da geografia do além em um universo conforme a cosmologia de origem helenística. Em um segundo momento exploramos algumas possibilidades da obra quanto a seu papel na história do pensamento geográfico, em uma tentativa de delinear futuros temas de investigação em linhas mais aprofundadas.

METODOLOGIA

A descrição da metodologia do presente trabalho perpassa pela consideração de que este se caracteriza como resultado de uma pesquisa teórica e bibliográfica. Como tal, prescindimos de método e materiais de análise. Optamos por uma perspectiva histórica e materialista, donde perseguimos a história das ideias em profunda relação com a história material do ser humano. Para nossa revisão, nos embasamos em uma série de estudos e revisões historiográficas sobre o tema. Assim apoiados, nos debruçamos sobre diferentes traduções do texto de *A Divina Comédia* para efetuar sua análise. Procuramos encontrar no texto, tanto em minúcias particulares como em caráter mais abrangente, referências que descrevem ou que nos permitam inferir tanto sobre a estrutura geográfica dos lugares do além, como do cosmos que lhes dá suporte. Na parte textual desenvolvemos comentários e comparações relacionando a análise para com a bibliografia estudada, bem como dissertamos sobre os elementos encontrados que dão suporte as nossas hipóteses em torno do problema de estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste artigo trabalhamos com a linha de pensamento de que Dante, na obra *A Divina Comédia*, construiu uma síntese cosmográfica, na constituição do universo descrito em seus versos, unindo diferentes aspectos do imaginário geográfico crítico medieval e a chamada cosmologia aristotélico-ptolomaica, de origem helenística, que vinha sendo revivida pelos escolásticos.

Através então da jornada da personagem de Dante pelos domínios do Inferno, Purgatório e Paraíso, ou seja, os lugares do além que na tradição cristã comportavam as almas dos mortos, reunimos referências e analisamos o universo cantado pelo autor. A análise conta ainda com outra obra do autor (*Convívio* ou *Banquete*) ou sobre o autor (*Vida de Dante*), que são ocasionalmente citadas para melhor ilustrar seu pensamento e esclarecer determinadas discussões.

Somos apoiados por uma considerável bibliografia que nos permite comentar e fazer apontamentos dentro da análise do texto. Nos é cara a ideia de *Geografia do Além*, cunhada por Le Goff (2017) e trabalhada por Baschet (2006). Também contamos com contribuições da história do pensamento geográfico, como por exemplo Kimble (2005) e Carvalho (2006). Para esclarecimentos acerca da cosmologia presente na obra de Dante consideramos as contribuições de Kuhn (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É preciso dizer, antes de continuarmos, que não entraremos em aprofundamentos literários e históricos da obra, pois, acreditamos, há melhores e mais especializados comentadores. Nem, tampouco, nosso objetivo seria desvendar todos os aspectos teológicos ou filosóficos do “além vida” na obra de Dante, pois, para esse objetivo, nos faltariam recursos e nos afastaríamos indevidamente de nossos objetivos. Ficamos limitados ao que, na sistematização do mundo de Dante, é preciso abordar para compreender a estruturação de seu universo.

Começamos explicando de como se estruturava o universo segundo a cosmologia de aristotélica e a astronomia de ptolomaica. É a partir do universo constituído segundo tais influências que Dante estabelece o cosmos em sua obra. Tal modelo de universo, contudo, não era uma concepção seguida somente por Dante, mas expressa o pensamento cosmológico de sua época. Este se baseia nos textos do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), reinterpretado pelo pensamento escolástico, e na astronomia de Cláudio Ptolomeu (I-II d.C.), revivida ao século XII. Junto à essas influências, os cristãos escolásticos encaixaram algumas concepções sobre as estruturas dos lugares do *além*, e o povoaram de referências e simbolismo cristão. Comentaremos essas referências e lugares do *além* posteriormente.

A cosmologia aristotélico-ptolomaica e a Geografia do Além

Na cosmologia defendida por Aristóteles em *Do Céu*, Terra e universo seriam esféricos e concêntricos, tomando a Terra como centro do universo, estando ela imóvel e em repouso. O universo é uno, completo e finito. Fora dele inexistente espaço. A partir da Terra, lar dos elementos mutáveis (terra, água, ar, fogo), se estenderia domínios esféricos preenchidos por éter, a começar pelo domínio da Lua (Aristóteles, 2014). Segundo Kuhn (2017), esse elemento seria, para Aristóteles, puro, inalterável, sem peso e transparente. Os planetas e as estrelas também deveriam ser constituídos do éter, assim como as esferas celestes, que seriam “invólucros esféricos concêntricos cujas rotações explicam os movimentos celestes.” (p. 97). Tomando em consideração o modelo cosmográfico das esferas homocêntricas de Eudoxo de Cnido (c. 480 a.C. – c. 356 a.C.), Aristóteles concebeu um modelo com esferas materiais que comportam os astros e conduzem seus movimentos. (Kuhn, 2017).

Antes da região do éter, abaixo da esfera da Lua, ficaria o mundo sublunar. Sem os movimentos exteriores, segundo Kuhn (2017), os elementos do mundo sublunar imitariam o mundo supralunar, com cada elemento ocupando um espaço concêntrico, conforme explica

Aristóteles sobre a ordem e movimento dos elementos: no centro a terra, o elemento mais pesado, cujo tendência natural do movimento seria o centro do universo, após viria a água, menos pesada e densa, ar e por fim o fogo, mais tênues (Aristóteles, 2014). Segundo Kuhn (2017), a esfera da Lua seria responsável por mudanças, no mundo sublunar, graças ao seu movimento, gerando a mistura dos elementos.

Algumas premissas básicas da cosmologia aristotélica, assim como outras heranças da astronomia helenística, foram consideradas por Ptolomeu para a construção de seu modelo astronômico. Ele adotou a premissa básica do modelo geocêntrico e do universo de esferas na sua obra *Sintaxe Matemática* ou *Almagesto*. Contudo, não é claro se Ptolomeu acreditava, assim como Aristóteles, na natureza material das esferas celestes (Kuhn, 2017).

Ptolomeu, utilizando de dados astronômicos anteriores, reformou a astronomia de sua época e concebeu um sistema planetário em sua obra *Almagesto*. Elaborou um catálogo estelar e dispôs 48 constelações. Mas a grande contribuição de sua obra foi a possibilidade, através de modelagem matemático-geométrica, de prever os movimentos dos planetas e das estrelas, conformes estes eram vistos da Terra (Brotton, 2014; Boyer, 1996). Também é condizente com Ptolomeu a ordem planetária adotada pelos escolásticos, conforme a intercalação das esferas celestes: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Em seguida aparece oitava esfera, a esfera das estrelas fixas, que se movem unidas em relação aos planetas. A nona esfera, o *Primum Mobile*, fora adicionada posteriormente, por influência da astronomia árabe para explicar a precessão dos equinócios. (Kuhn, 2017).

A partir do século XII e XIII começam a aparecer as traduções das obras de Aristóteles e o *Almagesto* de Ptolomeu. Tanto Ptolomeu, como Aristóteles, se tornam bem aceitos entre os escolásticos, e suas ideias e modelagens astronômicas já formavam como que uma só cosmologia, que denominamos aristotélico-ptolomaica. Segundo Kuhn (2017), Ptolomeu e Aristóteles foram devolvidos ao seio erudito como autoridades tradicionais, e, apesar da diferença de teorias e o trecho de tempo que os separava na antiguidade, eram tidos como componentes de uma única e velha tradição.

É perante esta tradição quanto à estruturação do cosmos que Dante concebe o palco de sua *Comédia*. Ainda falta, contudo, tecermos alguns comentários sobre as concepções cristãs quanto aos *lugares do além* e sua ordem cósmica, temas que marcam profundamente a obra de Dante, e que acabam por povoar a estrutura cósmica herdada de Ptolomeu.

Acompanhemos essa síntese explicativa do universo cristão, fornecida por Bohner e Gilson (2012):



[...] o universo medieval caracteriza-se por sua continuidade, sua coesão singular e seu simbolismo religioso. É um imenso globo material com dois polos espirituais: a matéria superior vai até o céu dos espíritos bem-aventurados, e a inferior até o inferno dos espíritos condenados. As nove penas do inferno correspondem as nove bem-aventuranças do céu. Nós, os homens, ocupamos um posto intermediário entre estes dois polos, até que a separação final dos bons e dos maus venha incorporar-nos definitivamente a um ou outro. (Autun *apud* Bohner e Gilson, 2012, p. 279).

O universo medieval, já era, portanto, preenchido segundo simbolismos e significados morais e religiosos. Contudo, tudo dentro desse universo guarda uma relação particular consigo mesmo, se expressando em sinais que repetem significados mais profundos, por meio das aparências e através das suas estruturas. Nessa mútua autorreferência universal, a palavra dos antigos, como Ptolomeu e Aristóteles, se configuram como mais um elemento.

Não há diferença entre essas marcas visíveis que Deus depositou sobre a superfície da Terra, para nos fazer conhecer seus segredos interiores, e as palavras legíveis que a Escritura ou os sábios da Antiguidade, esclarecidos por uma luz divina, depositaram nesses livros que a tradição salvou. (Foucault, 2016, p. 46).

Percebe-se, então, uma perpétua unidade entre tudo que existe, entre a moral espiritual e a ordem cósmica, balizada em autoridades antigas, sendo, ao mesmo tempo, objeto de reflexão dos teólogos. A posição das almas dos mortos e dos humanos vivos, nesse universo, conhece uma ligação com ordem dos cosmos.

Dentro das duas esferas materiais, o Céu puro e a Terra impura, se estruturariam uma série de lugares, cuja função seria comportar e ordenar as almas conforme suas penas ou merecimentos. Os principais *lugares do além* que se formaram na mentalidade cristã medieval para comportar as almas dos mortos foram o **Céu** ou **Paraíso**, o **Purgatório** e o **Inferno**. Contudo, existiam outros lugares que completavam esse quadro de *lugares do além*, sendo eles os chamados **Limbos**, que cumpriam funções específicas na história da salvação cristã ou na recepção das almas. (Baschet, 2006). Para Baschet (2006, p. 46):

A ruptura da segunda metade do século XII, confirmada pelos escolásticos do século XIII, é decisiva. Pode-se então falar de uma verdadeira **geografia do além** das almas, pois estas são definidas por uma inscrição local clara e sem ambiguidade. O além das almas constitui-se em um conjunto de lugares, corporais, distintos uns dos outros e funcionais. O outro mundo é, mais claramente do que antes, separado do mundo dos vivos, embora ele se estruture segundo as regras de inscrição espacial que estão igualmente em funcionamento na sociedade feudal. (Grifo nosso).

Perfaz-se, então, uma *Geografia do Além*, onde os lugares concebidos para a recepção das almas dos mortos possuem natureza material, e estão localizados no mesmo universo que

os planetas, em suas esferas, e a esfera terráquea, que comporta os humanos e a vida em geral.

Rapidamente, tratemos desses lugares presentes nessa *Geografia do Além*.

Paraíso e Inferno geralmente conhecem algumas caracterizações comuns entre as quais enumera Le Goff (2002). O Paraíso, destinados aos benditos, seria um lugar de delícias, desfrutado através dos sentidos, como os odores agradáveis, os frutos deliciosos, a música para os ouvidos e os panos aveludados para os dedos. O Inferno, danação daqueles que se afastaram de Deus, é sempre caracterizado como um lugar de trevas e fogo eterno, um fogo renascente que queima eternamente os danados, e solta nuvens enegrecidas. Também é lugar de fedor, vermelhões horríveis das chamas, gritos e ruídos apavorantes. Os danados sofrem também suplícios infligidos por demônios. Outras paisagens são evocadas como pântanos, vales profundos, escarpas, rios e lagos fétidos com metal em fusão, lugares com répteis e monstros.

O Purgatório fora sendo gestado como um lugar de penas temporárias, onde as almas “não tão boas” ou com pecados a pagar se purificariam para poderem entrar no Céu. Le Goff (2017) atribuiu que o nascimento literário e intelectual do purgatório se localiza entre os anos 1170 e 1200, mais precisamente entre 1170 e 1180. A Igreja absorve rapidamente as novas concepções e passa a conceber o purgatório como um lugar preciso. Assim nasce o sistema tripartite do *Além*, que mais tarde se divide em cinco lugares diferentes (com os Limbos). (Le Goff, 2017).

Feitas essas considerações sobre a cosmologia e a sua união com o *Além* no universo medieval escolástico, nos cabe prosseguir para enfim tratar da síntese cosmográfica presente em Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*, que bem retrata a comunhão dos elementos que discutidos aqui.

A síntese cosmográfica de *A Divina Comédia* de Dante Alighieri

Composta entre o final do século XIII e início do século XIV, a *Comédia*, como foi chamada por Dante, não foi publicada de uma única vez. Em realidade, como relata Giovanni Boccaccio (1313-1375) em *Vida de Dante*, cada parte foi publicada em separado, sendo a última, *Paraíso*, publicada após a morte do autor. Contudo, os três livros compõem uma única obra. O termo “divina” foi adicionado ao título da obra tempos depois, sendo Boccaccio um dos primeiros a utilizá-lo. (Heise; Boccaccio, 2021).

Dante visava principalmente uma obra de caráter moral e religioso, que chamasse atenção aos costumes pecaminosos de sua época. Usa então de figuras públicas de sua época,

ou então, de exemplos da história e literaturas clássica e cristã, para demonstrar a pena dos ímpios e viciosos e a recompensa dos virtuosos. (Boccaccio, 2021; Mauro, 2019).

Dante é a própria personagem central da obra. Perdido em uma “floresta escura”², ameaçado por feras (a onça, o leão e a loba)³, ele é convidado por Virgílio⁴, o poeta romano, para vagar pelo mundo e testemunhar as penas e as dádivas das almas no além vida, passando pelo Inferno em destino ao Céu (Canto I). (Mauro; Alighieri, 2019b).

Dante segue uma profunda segmentação simbólica em sua jornada pelas estruturas de sua *geografia do além*: lembremos, esse termo, cunhado por Le Goff (2017 [1981]), e por Baschet (2006), se refere ao conjunto de lugares que surgiram historicamente na mentalidade cristã medieval que serviram para acomodar as almas dos mortos após a vida terrena, segundo a fé cristã.

Conforme descrito nos poemas de Dante em sua *Comédia*, tanto no Céu (Paraíso), como no Inferno há estratos ou níveis, correspondendo diversamente a espécies de pecados (no Inferno) e a formas de glória segundo méritos (no Céu). Ao Céu, os estratos ou níveis correspondem as Esferas Celestes que comportam os planetas e as estrelas, conforme uma cosmologia baseada na filosofia aristotélica, confirmada na astronomia de Cláudio Ptolomeu (Mauro, 2019).

Temos algumas ilustrações desses sistemas de níveis, estratos e esferas, que podem ser visualizados nas seguintes figuras: na Figura 1, os estratos do Inferno; na Figura 2, o cosmos de *A Divina Comédia*, contendo a Terra com a montanha do Purgatório, as esferas celestes e o Empíreo (ou décimo céu).

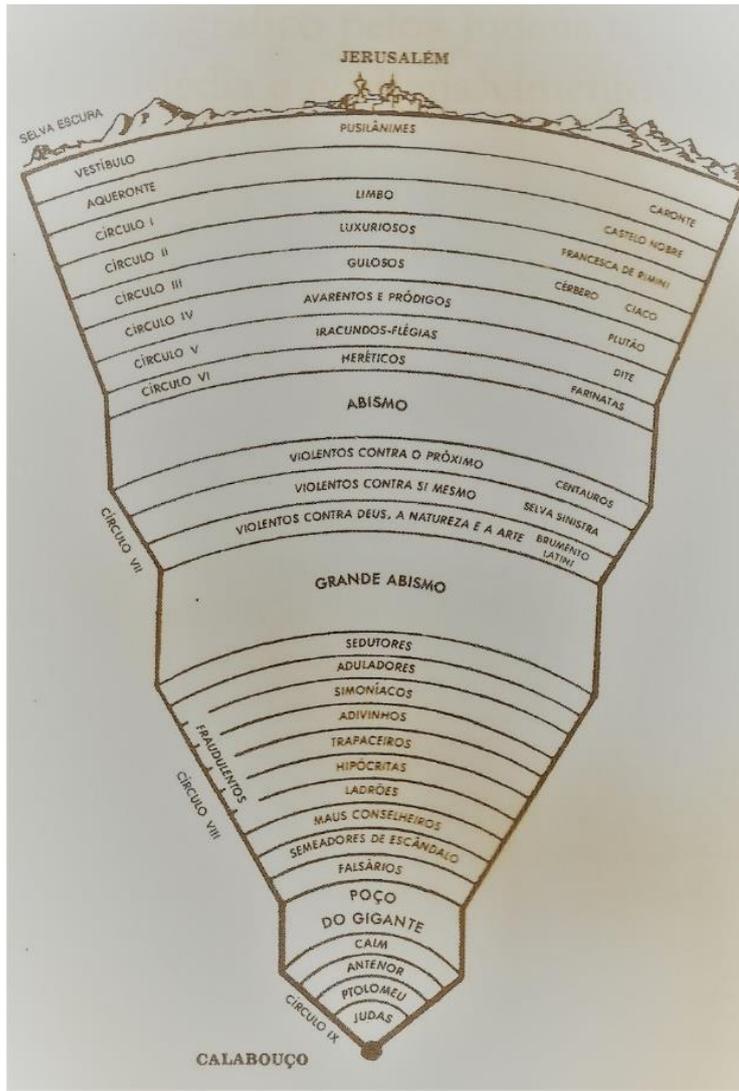
² Segundo Mauro (2019), representa o desvio do caminho da virtude.

³ Mauro (2019) as define como representações da incontinência, a violência e a fraude, que impedem a passagem de Dante para um lugar de graça divina, daí ele ter de tomar outro caminho, conduzido por Virgílio. Esse novo caminho representa também uma jornada pessoal de Dante em busca de conversão.

⁴ Se trata do poeta romano Publius Vergilius Maro (70 a.C. – 19 a.C.), conhecido simplesmente por Virgílio, autor, dentre outras obras, de *Eneida*.



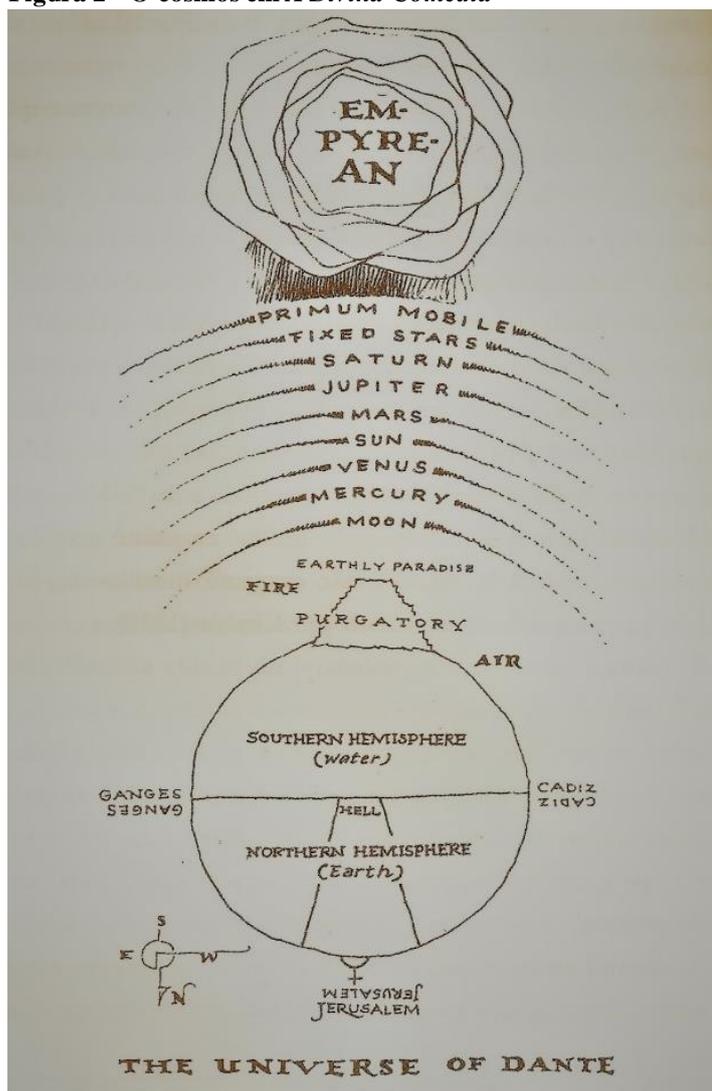
Figura 1- O Inferno em *A Divina Comédia*



Fonte: Carvalho (2006, p. 79). Tamanho adaptado.



Figura 2 - O cosmos em *A Divina Comédia*



Fonte: Carvalho (2006, p. 78). Tamanho adaptado.

Torna-se oportuno explicarmos alguns detalhes dessas estruturas da *Geografia do Além* e estabelecer sua ligação e conformação com a cosmologia de Aristóteles e a astronomia de Ptolomeu.

Pelo Inferno é por onde o poeta inicia sua obra. A viagem que a personagem que encarna o próprio Dante empreende começa na superfície terrestre. De lá Dante será guiado por Virgílio, descendo pelo Inferno até o centro da Terra, e do centro da Terra à montanha do Purgatório, no outro hemisfério da esfera terráquea. O inferno é dividido em nove círculos e antecedido por uma antecâmara, na qual ficam aqueles que foram rejeitados tanto pelo Céu como pelo Inferno, como os anjos caídos que não optaram por Lúcifer e nem por Deus⁵, e humanos que tiveram a

⁵ Segundo a crença cristã Lúcifer (o Diabo) foi um anjo caído, que se rebelou contra Deus antes do início da criação, e foi expulso do Céu junto com outros anjos que tomaram seu partido, ficando conhecidos como demônios, condenados a viverem no Inferno.

mesma sorte (círculo dos pusilânimes, na Figura 1). A entrada do Inferno possui um rio, o Aqueronte, no qual Caronte, o barqueiro, vem buscar as almas condenadas, assim como nas versões míticas gregas e romanas. (Alighieri 2019a; 2019b).

Esta seria o início da jornada de Dante e Virgílio, que identifica o Inferno, conforme outras tradições antigas, como um grande abismo, escuro e tenebroso. O Inferno de Dante é organizado em círculos, como um grande túnel que desce ao centro da Terra de forma espiral (Vinci de Moraes, 2019). Dentro desses túneis há “espaços de penas” e “espaços de passagem”, os primeiros se constituindo de lagos, câmaras e valas onde as almas estão presas e são atormentadas, e os segundos são como passagens por onde os viajantes do além e os próprios demônios podem passar ao lado dos “espaços de penas” e de um círculo do Inferno para outro. No entanto, é difícil atribuir qualquer ordem padrão, porque dentro dos círculos há divisões, e de um círculo a outro há outras espécies de abismos, de difícil descrição. Na figura 1 vemos organizados os nove círculos do Inferno, as classes de pecadores, e as subdivisões dos círculos. O último círculo é reservado aos traidores, onde no último extrato Judas Iscariotes⁶ está condenado pela eternidade, entre as mandíbulas de Lúcifer. (Alighieri, 2019a, 2019b).

No Purgatório, localizado na superfície terrestre sob a forma de uma montanha, há sete círculos que, circundando ou adentrando o monte, levam, de nível em nível, ao seu topo. Esses sete círculos ou níveis correspondem a purgação dos sete pecados capitais: Orgulho, Inveja, Ira, Preguiça, Avareza, Gula e Luxúria (nessa ordem, da base para o alto da montanha). No final do caminho da purgação, em seu cimo, fica o Paraíso Terrestre, antigo lar de Adão e Eva, que guarda a entrada do Paraíso Celestial (Céu). (Mauro; Alighieri, 2019a).

Nos livros do *Inferno* e do *Purgatório* já aparecem sinais da estruturação cosmográfica geral do universo dantesco. A Terra está claramente no centro desse universo, o que projeta os antros mais profundos do inferno ao ponto central do universo cristão. Nesse exato lugar, preso, jaz Dite, ou Lúcifer, no ponto “que a si todo peso guia” (Alighieri, 2019b, vol. I, p. 229): uma referência ao centro do universo. Outro detalhe: embora cheia de níveis e fossos, as estruturas do inferno revelam um mundo subterrâneo rochoso, como percebe Vinci de Moraes (2019).

No livro do *Purgatório*, fica claro que Dante chega ao outro “lado” (ou, hemisfério) do mundo terrestre, e conforme certos trechos, fica entendido que a Terra é esférica, como, por exemplo, na descrição do movimento do Sol em torno da Terra:

Já havia chegado o Sol no horizonte

⁶ Segundo o novo testamento cristão, se trata do discípulo de Jesus Cristo que o entregou para ser preso e condenado.

do céu onde, em seu curso, a elevação
maior faz que Jerusalém confronte;

e a Noite, que anda em sua oposição,
saía do Ganges co' as Balanças, dadas
até que, ao demorar, lhe caem da mão;

(Alighieri, 2019b, vol. II, p.19)

Para entender esse trecho é necessário explicar a singular geografia da Terra esférica de Dante: o ecúmeno⁷ habitado pelos seres humanos (vivos) se encontra no norte da Terra, com o seu centro em Jerusalém, exatamente no Polo Norte. No Polo Sul se ergue uma ilha, com a montanha do Purgatório, e no topo dessa, fica o Paraíso Terrestre. De resto, a superfície da Terra é uma imensidão de águas, um oceano austral, entre o ecúmeno e a ilha do Purgatório (Vinci de Moraes, 2019; Kimble, 2005).

O Sol percorre no sentido Norte ao Sul, e do Sul ao Norte, de Jerusalém à montanha do Purgatório e, do Purgatório até Jerusalém (completando voltas). Conforme se movimenta, traz a sucessão do dia e da noite para os diferentes lados (hemisférios) do mundo. Estava amanhecendo na ilha do Purgatório segundo as estrofes citadas acima. A noite jazia sobre o Ganges, no Oriente (entre o Purgatório e Jerusalém) onde aparecia a constelação de Libras - as Balanças (Mauro, 2019). Em Jerusalém, era fim de tarde, mas, antes, ao meio-dia, o Sol, em seu ponto mais alto no céu, havia lhe encimado. O sentido do movimento do Sol também possui um Oriente e um Ocidente localizados no ecúmeno terrestre, sendo o primeiro considerado como limite o rio Ganges, na Índia, e o segundo como as Colunas de Hércules⁸ (Mauro, 2019; Vinci de Moraes, 2019).

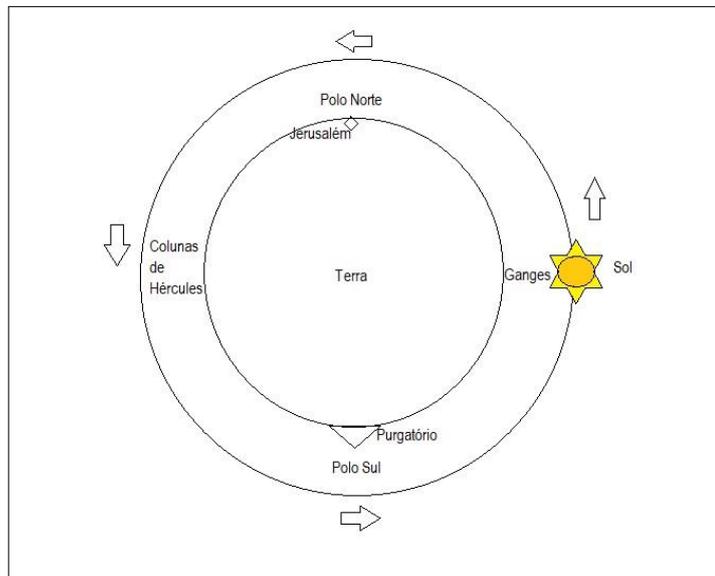
A partir do trecho acima e da geografia de Dante explicada por Vinci de Moares (2019), elaboramos uma figura (3), que visa representar, graficamente, a Terra e os movimentos do Sol. Vejamos:

⁷ Esta palavra vem do grego *oikoumene* e tem o sentido aproximado de *mundo habitado*.

⁸ Algumas tradições dizem ser o atual estreito de Gibraltar, entre África e Europa.



Figura 3 - Movimento do Sol em relação à Terra em *A Divina Comédia*



Fonte: o autor. É meio-dia no rio Ganges. O Sol levará cerca de 6 horas para chegar em Jerusalém, e de Jerusalém até o Purgatório cerca de 12 horas, e novamente 6 horas do Purgatório até o Ganges, totalizando 24 horas.

Revelada a geografia da Terra na *Divina Comédia*, segue que sua particularidade procura adaptar a história da salvação da religião cristã à estrutura da Terra e do universo, em dois níveis: o horizontal e o vertical. O horizontal é o mundo dos vivos, com Jerusalém ao centro do ecúmeno, conforme a tradição cristã medieval (Kimble, 2005), o oceano austral e a ilha do Purgatório. O esquema vertical, o mais importante na *Comédia* de Dante, parte de Jerusalém, no Norte, rumo ao centro da Terra, o Inferno, e deste para o Purgatório, no Polo Sul, e do Purgatório para as esferas celestes (Céu). Nessa passagem entre os três “reinos” da *Geografia do além*, se encaixa uma Terra esférica e geocentrada, respeitando a cosmologia aristotélico-ptolomaica.

Porém, a jornada só estará completa, e esta descrição cosmográfica também, apenas se incluirmos as esferas celestes, ou seja, o *Paraíso* de Dante. Já encontramos um mundo redondo e acomodado no centro do universo cristão. Neles estão acomodadas as estruturas do Inferno e do Purgatório. Precisamos descrever, por agora, os céus. O que neles vamos entrever?

Após sua estadia no Purgatório a jornada continua rumo às esferas celestes. Aqui começa a terceira parte da obra *A Divina Comédia*, chamada de *Paraíso*. É Beatriz⁹ que leva

⁹ Beatriz teria sido um amor de Dante desde a infância. Segundo Boccaccio em *Vida de Dante*, o autor de *A Divina Comédia* teria ficado arrasado após sua morte. Na obra de Dante, ela é encarnada como o sua guia espiritual no *Paraíso*.

Dante, quando, pelas esferas celestes. Conforme visita-as, Beatriz lhe explica a natureza das almas que estão em cada esfera e como elas participam da glória divina (Alighieri, 2019a, 2019b). Sobre como esses céus são compostos por esferas, conforme a cosmologia aristotélico-ptolomaica, aparece em vários trechos de *A Divina Comédia*, como o seguinte, no Canto XXII, quando Dante vê a Terra e as esferas dos planetas a partir da Oitava esfera:

A todas retornei, co' o olhar pujante,
as sete esferas e, entre elas, vi este globo
tal, que sorri pelo seu vil semblante;

(Alighieri, 2019b, vol. III, p. 159).

As esferas vistas obedecem a uma ordem planetária, da Lua até Saturno, como era costume conceber entre a tradição astronômica ptolomaica, mais a esfera das estrelas fixas (na qual Dante estava). Dante também adotou a nona esfera, que aparece no Canto XIII do *Paraíso*. Desse conhecimento da posição dos planetas e suas respectivas esferas celestes e da nona esfera, Dante também dá testemunho no seu escrito *Convívio* ou *Banquete*. Nele ele demonstra conhecer não só a astronomia de Ptolomeu, citando-o nominalmente e comentando-o, como demonstra ter lido Aristóteles.

Nada, portanto, no texto da *Comédia* surgiu por acidente ou veio do nada. Os conhecimentos de Dante sobre Ptolomeu e Aristóteles, sobre a cosmologia de sua época, se reflete, necessariamente, em uma cuidadosa composição tanto escrita, como imagética, do universo que imagina e descreve. Dante estava ciente ao dar ao seu universo a ordem que deu, porque esta ordem estava de acordo com suas próprias convicções. A cosmologia de Ptolomeu e Aristóteles, e a ordem espiritual emprestada pela *Geografia do Além*, estavam ambas, unidas, tanto na cosmologia da época como no gênio de Dante.

Por último, depois das esferas celestes, Dante localizava o céu Empíreo (ver figura 2). Segundo Dante, céu Empíreo é “[...] equivalente a um céu de chamas ou mesmo luminoso” (Alighieri, 2019c, p.147), este céu seria “quieto e pacífico”, lugar da “[...] suma Divindade, a única a ver a si mesma por completo” (Alighieri, 2019c, p.147).

A nona esfera, aquela acima do céu das estrelas fixas, é aquela mais próxima ao Empíreo. Seu movimento veloz, além da função astronômica no sistema ptolomaico, tem, para Dante, uma explicação teológica/cosmológica: “[...] pois, pelo fervente apetite que existe em cada parte do nono céu de se unir a cada uma das partes do diviníssimo céu quieto, [...]” (Alighieri, 2019c, p. 147), se move a uma velocidade “incompreensível”.

No *Empíreo*, Beatriz deixa Dante quando a visão do décimo céu do Paraíso se transforma em uma nova imagem, e ele vê a “Rosa Mística”, que é a representação de uma estrutura que abriga a corte dos santos e dos anjos. No último canto do *Paraíso*, Dante é levado à visão de Deus, por graça concedida através de uma oração de São Bernardo¹⁰ à Virgem Maria, onde é invadido pelo sentimento do fulgor e da felicidade infinita. (Alighieri, 2019a; 2019b).

Não por acaso o que acompanhamos no Céu de Dante são as mais intensas manifestações de devoção e êxtase dos espíritos, pois a graça divina a todas recobre, embora de formas diferentes, como canta o poeta no *Paraíso* (III, 88). Não poderia ser esse Céu outro senão aquele céu de éter, o elemento puro e diáfano, incorruptível, o céu das esferas cristalinas, conforme a cosmologia aristotélica. Relembremos o que diz a personagem ao adentrar o círculo da Lua ao Canto II do *Paraíso*: “Parecia que uma nuvem nos cobrisse/ lúcida, densa, sólida e polida, / como diamante igual que o Sol ferisse.” (Alighieri, 2019b, vol. III, p. 20).

Das profundezas da Terra aos céus cristalinos, delineamos, de forma resumida, a jornada de Dante pelo universo e revelamos, conforme foi possível, a estrutura estratificada tanto do Céu, como do Inferno e Purgatório. A superfície terrestre e o próprio globo terráqueo são partes constituintes desse universo cristianizado, servindo de elo entre o terreno e mundano para com o divino e transcendental. As geografias da Terra e do *além* se unem em Dante, formando um só cosmos, ordenado de maneira vertical, do mais profano e corruptível ao mais divino e perfeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que nos revelam a jornada de Dante, narrada em sua *A Divina Comédia*, e as imagens que importamos da obra de Carvalho (2006), nas figuras 1 e 2, fica evidente o caráter estratificado e simétrico da síntese dantesca de universo. Não há como não reconhecer de que se trata de uma “cosmovisão rica e cheia de significados e influências” (Carvalho, 2006, p. 76). Dentre outras fontes que citamos neste trabalho, Carvalho (2006) afirma que Dante se serviu principalmente do modelo de universo aristotélico, incluindo referências religiosas da *Bíblia*, influências da obra *Eneida* de Virgílio e de *Metamorfoses* do poeta latino Ovídio (*Publius Ovidius Naso*, 40 a.C. – 18 d.C.).

Contudo esse caráter da estrutura cósmica da Dante não é tão evidentemente reconhecido tanto quanto sua importância literária, conforme diz Carvalho (2006).

¹⁰ Se trata de São Bernardo de Claraval (1190-1153).

Portanto, a *Geografia do Além*, como conveniente chamamos de acordo com Le Goff (2002; 2017), é reconhecida por alguns autores (não exatamente com esse termo), entre eles o próprio Le Goff (2002; 2017), Carvalho (2006) e Baschet (2006). Na obra *O nascimento do purgatório*, Le Goff (2017) dá atenção especial ao universo dantesco, com foco na montanha do Purgatório. Ao comentar a síntese de Dante em *A Divina Comédia*, o autor diz: “Ninguém melhor do que Dante expressou a ligação do sistema da criação neste mundo e no além.” (Le Goff, 2017, p. 511).

Se Dante consegue estabelecer uma topologia notável para o *além* na estratificação universal, já a posição da Terra no eixo central do universo e a adoção do cosmos aristotélico são evidências da influência de Aristóteles e Ptolomeu sobre a Astronomia medieval na Idade Média (X-XV).

O pensamento cosmológico escolástico, que introduz Aristóteles novamente ao seio erudito medieval, desponta em Dante, que reorganiza o universo somando a *geografia do além*, que já vinha se construindo nos séculos anteriores à astronomia de Aristóteles e Ptolomeu, e lhes dá, conforme Kuhn (2017), uma união com a teologia. Não por acaso, afirmaria Kuhn (2017), sobre a revolução copernicana, que mover a Terra, em um universo como o de Dante, implicaria pensar em mover o trono de Deus.

Através de *A Divina Comédia* se harmonizam as estruturas universais, que não apenas refletem a ordem do cosmos conforme a filosofia e a astronomia evocadas, mas conforme as verdades da fé, que localizam o ser humano entre os reinos do Céu e do Inferno. Comentando Dante, Kuhn (2017, p. 130) chega a afirmar: “Através da alegoria, a sua *Divina Comédia* fez parecer que o universo medieval não podia ter tido outra estrutura a não ser a de Aristóteles e Ptolomeu.”

A geografia da Terra unida à ordem universal. O passageiro e humano, a superfície terrestre, a Corografia é convenientemente unida à geografia verticalizada do universo de Dante. Não são apenas os acidentes do universo, é também a história dos homens e mulheres que está ligada à estrutura universal. A história do universo de Dante é a história da salvação cristã. Não é toa que uma alma do purgatório responde a Dante, quando este indaga em um dos círculos da montanha, acerca de alguma alma, presente ali, que fosse italiana em vida: “Ó irmão meu, todas as almas aqui são cidadãos da cidade verdadeira, mas tu quiseste dizer de uma que tivesse vivido na Itália, como peregrina” (Alighieri, 2019a, p. 199).

Portanto, a vida é apresentada como uma peregrinação, como algo passageiro, que é mínimo diante do tempo da eternidade após a morte. A mudança de lugares também revela a

mudança drástica de cidadania, pois agora as almas são cidadãs da eternidade, porque pertencem a uma outra ordem do mundo.

Reconhecemos, enfim, em Dante, uma síntese cosmográfica, que une aspectos da *Geografia do Além* para com a ordem cósmica de Aristóteles e Ptolomeu. Entre essas duas faces do universo medieval está o elo da hierarquia e ordem teológicas, que se expressam em soluções geográficas e estratificações cósmicas, que comportam os espíritos dentre sofrendores ou glorificados, dentre punidos, em busca de purificação ou unidos a felicidade celeste.

Não podemos estabelecer *A Divina Comédia* como sendo o ponto final da união entre geografia da Terra e a *geografia do além* na cosmologia cristã medieval. Tampouco podemos simplificar a obra de Dante como o êxito conclusivo do universo aristotélico ou como um patamar duradouro acerca de uma concepção estrutural dos cosmos no período medieval. Antes a *Divina Comédia* é obra de seu tempo, que assumiu os debates teológicos e cosmológicos dos meios religiosos e eruditos. Também é mérito do gênio de Dante, que absorveu influências latinas, gregas e religiosas e desenvolveu uma obra de impacto político e psicológico. Antes de tudo é para nós uma pista do tempo, que não é fim em si mesma, mas uma construção intelectual que nos revela as divagações da cosmologia e geografia de sua época.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. Apresentação, tradução e notas de Eugênio Vinci de Moraes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019a.

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. Inferno, Purgatório, Paraíso. Vol. I, II e III. Edição bilingue. 5ª edição. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. Prefácio de Carmelo Distante. São Paulo: Editora 34, 2019b.

ALIGHIERI, D. **Convívio**. Tradução, introdução e notas de Emanuel França de Brito; apresentação de Giorgio Inglese. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2019c.

ARISTÓTELES. **Do Céu**. Tradução e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014. (Série Clássicos Edipro).

BASCHET, J. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BOCCACCIO, G. **Vida de Dante**. Tradução, introdução e notas de Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Penguin – Companhia das Letras, 2021.

BOEHNER, P. e GILSON, E. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.



BOYER, C. B. **História da Matemática**. Tradução de Elza F. Gomide. 2ª Edição. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1996.

BROTTON, J. **Uma história do mundo em doze mapas**. Tradução de Pedro Maia. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CARVALHO, M. S. **A Geografia desconhecida**. Londrina: EDUEL, 2006

ECO, U. **História das Terras e Lugares Lendários**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016. (Coleção Tópicos).

KIMBLE, G.H.T. **A Geografia na Idade Média**. Tradução de Márcia Siqueira de Carvalho. Londrina: EDUEL; São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo: 2005.

KUHN, T. S. **A Revolução Copernicana: a astronomia planetária no desenvolvimento do pensamento ocidental**. Trad. Marília Costa Fontes. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2017.

LE GOFF, J. Além. Capítulo. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, JC. (Coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. V. 1 (p. 21-34).

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LE GOFF, J. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. 18 ensaios. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sobrinho. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAGUELNISKI, D. **A figura e forma da Terra no pensamento geográfico ocidental: da antiguidade clássica ao debate cartesiano/newtoniano (séculos XVII-XVIII)**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Francisco Beltrão – PR. 2021.